

FOLHA DE S.PAULO



Tradutor de Tolstói conta alegrias e dramas de um professor da rede pública

Em depoimento tocante, Rubens Figueiredo lembra seus 30 anos como docente em escolas estaduais do Rio

27.out.2019 às 2h00

 EDIÇÃO IMPRESSA (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2019/10/27/>)

Rubens Figueiredo

[RESUMO] [Renomado tradutor de Tolstói](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/15368-o-nascimento-de-um-autor.shtml) (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/15368-o-nascimento-de-um-autor.shtml>) relembra, em depoimento tocante, 30 anos como professor na rede estadual do Rio, tempo marcado por condições precárias e posteriores melhorias, hoje sob ameaça, pela dura constatação da desigualdade e pela emoção de ensinar adultos a ler.



Fui professor de português [na rede estadual do Rio de Janeiro](https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/05/escola-do-rio-usa-placa-para-evitar-ser-alvo-de-tiros.shtml) (<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/05/escola-do-rio-usa-placa-para-evitar-ser-alvo-de-tiros.shtml>) por 30

anos, no turno da noite, em dois colégios e em três prédios. O primeiro era da década de 1960 e, em 1984, quando pela primeira vez pus os pés na sua escada, tinha um aspecto que vale a descrição.

Coberta de telhas, a construção de três andares ficava no alto de um morro pequeno, ao fim de uma rua em curva. O colégio sobressaía diante de uma praça de terra batida, sem árvores, borrada pela falta de iluminação e rodeada de blocos de apartamentos de cinco andares, também construídos nos anos 1960. Por trás dos prédios, dava para ver as fileiras escuras dos barracos (<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/novaescola/2019/05/nossas-escolas-tem-cheiro-de-esgoto.shtml>).

Na frente do colégio, o muro alto e cinzento, portões de ferro de três metros, fechados por corrente e cadeado. Dentro, as lâmpadas acesas não eram mais numerosas do que as apagadas. Paredes com pichações enormes (<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/09/escola-de-sp-com-pior-nota-tem-falta-de-professor-e-queixa-de-vandalismo.shtml>).



Pintura de David Magila - David Magila

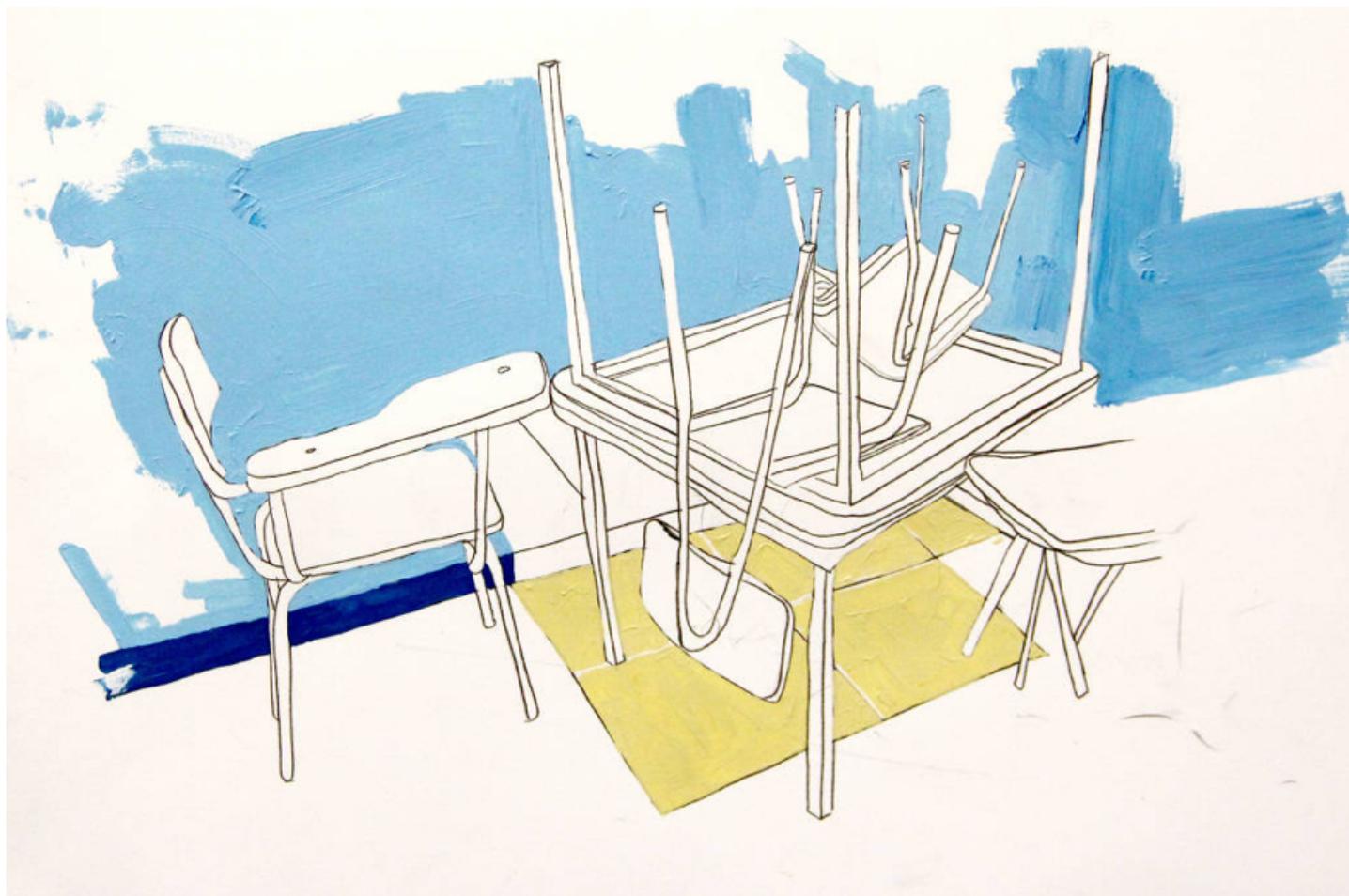
Quase todas as portas não tinham mais maçaneta: o buraco, de onde irradiavam rasgões na madeira compensada, deixava ver os movimentos do outro lado da porta. Janelas basculantes enferrujadas, com grades chumbadas por fora e muitos vidros partidos, que ajudavam a diluir o cheiro ruim. O vento entrava e, às vezes, a chuva também.

Banheiro, propriamente, nem para os professores: apenas uma privada sem tábua, num cubículo trancado à chave, guardada como um tesouro, assim como o papel higiênico. Nas salas, havia cadeiras sem perna, carteiras com tampos partidos. Faltavam pedaços no quadro-negro

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/10/1819542-pior-enem-de-sp-teve-quadra-tomada-por-pombos-e-disciplina-sem-professor.shtml>

. Era preciso escrever em volta dos buracos. Só a custo se distinguiam os riscos do giz. Os alunos, muitas vezes, puxavam as cadeiras e se juntavam de um lado da sala, para enxergar a parte do quadro em que a luz frouxa incidia.

No final da década de 1990, o colégio mudou de prédio. Estávamos numa construção de arquitetura moderna, de dois andares, erguida poucos anos antes, a 500 metros do prédio anterior.



Pintura de David Magila - David Magila

Quando deixei este segundo prédio do primeiro colégio, em 2010, as salas tinham ar-refrigerado, havia biblioteca, sala de computadores, os alunos jantavam toda noite, ganhavam a camiseta do uniforme, mochila, cadernos, livros didáticos e não didáticos, cartão de ônibus para ir ao colégio de graça, às vezes ganhavam ingressos de teatro e cinema; havia televisores, banheiros amplos e, de segunda a sexta-feira, às 22h20, ao fim das aulas, o prédio brilhava com furor para a rua, através dos janelões em arco, todas as lâmpadas acesas nos dois andares, num clamor só, enquanto os alunos se dispersavam devagar, pelas ruas pobres e escuras.

Na época, já era comum colunistas de jornal e TV imprecarem contra o paternalismo e o populismo. Conceitos aprendidos, com disciplina, em jantares pedagógicos com os ricos —fração demográfica que se preocupa

muito com o dinheiro dos gastos do Estado que não vai para os seus bolsos.

Adivinhando o sentido de tal ladainha

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/novaescola/2019/08/as-criancas-da-mare-serao-as-nossas-ultimas-testemunhas.shtml>), alguns professores mais antigos já diziam aos colegas mais jovens e aos alunos coisas mais ou menos assim: “Cuidado, olhem bem à sua volta, isto aqui parece pouco, mas não veio do nada e pode ser tomado de vocês da noite para o dia”. No entanto, era evidente que não acreditavam: a mudança foi gradual demais, não se formou uma experiência histórica e, para eles, era como se aquilo sempre tivesse existido. Como o dia e a noite.

Tudo isso se passou a 35 km de onde eu moro. A ocupação daquela região da cidade foi vertiginosa e, durante 26 anos, pela janela dos dois ônibus que eu pegava para chegar ao colégio <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0412201027.htm>), acompanhei a impressionante expansão dos prédios de 30 andares, dos centros comerciais que ostentavam nomes em inglês, bem como das avenidas que multiplicavam suas pistas, cada vez mais engasgadas de carros.

Nada daquilo existia, na época em que os pais ou os avós dos meus primeiros alunos foram levados à força, de um local a mais de 30 km dali, para residirem naqueles blocos de cinco andares

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/10/sp-vai-ter-programa-de-moradia-para-excluidos-do-minha-casa-minha-vida.shtml>), em torno daquela praça de terra batida.

Nem mesmo havia um acesso pelo litoral. Só pela montanha ou, num périplo, pelo outro lado da cidade. Tratava-se de uma população muito pobre, sobretudo negra. Ou “da cor” — expressão que aprendi com um aluno de lá <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/09/4-em-cada-10-jovens-negros-nao-terminaram-o-ensino-medio.shtml>), que voltei a encontrar 30 anos depois de ter me dado essa breve aula de português.

Eu estava num supermercado aonde não costumo ir, situado num ponto daquele trajeto que eu percorrera por tantos anos. “Professor, ei, professor.” Virei. Ele disse meu nome, não como quem pergunta, mas como quem acha graça da própria certeza. Ser reconhecido por um aluno antigo acontece com qualquer professor, mas, numa cidade enorme, não pode ser frequente.

Olhei bem para ele. Alguns fios de cabelo branco acima da orelha, uma ou outra pontinha de barba grisalha no queixo. Alto, parado, de braços cruzados, olhava para mim com uma sugestão de sorriso.

Estava contente. Entendi que ele havia passado por mim e depois voltou para conferir. Em redor, embalagens, rótulos, garrafas, palavras em inglês, mercadorias. Ele me disse seu nome e, durante uns dez minutos, resumiu com objetividade, e orgulho indisfarçável, toda sua vida: os trabalhos, a faculdade, o casamento, os filhos, o emprego de muito bom nível. Na ocasião, cursava uma pós-graduação e tinha planos de outros estudos.

Depois de me despedir, caminhando à noite num estacionamento, certos detalhes voltaram à memória. Ele tinha sido aluno naquele primeiro colégio, no prédio antigo, bem no início. Na época, teria seus 17 anos. Escrevia e falava bem, tinha bom vocabulário, argumentava com clareza. Curioso, fiz perguntas e soube que, de manhã, ele trabalhava numa banca de jornal e, por isso, lia bastante.

Repetidas vezes, como fazia com vários alunos, eu insistia com ele para tentar cursar uma faculdade (<https://ruf.folha.uol.com.br/2019/>). Tanto martelei que, certa noite, ele se ofendeu, ou se cansou, e me disse aquilo que eu, um hipócrita a seus olhos, já deveria saber. Ergueu o braço esquerdo para mim, passou os dedos da outra mão sobre a pele e me disse: “Eu sou da cor”.

Poderia ter dito também: “Sou pobre, meus pais são pobres, meus avós

foram mais do que pobres, ninguém quer que eu estude

(<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/07/presenca-de-negros-avanca-pouco-em-cursos-de-ponta-das-universidades.shtml>), querem que eu carregue caixotes nas costas até cair ou que eu vá para a cadeia e morra lá, como milhares que moram aqui”. Mas a lição que ele me deu não precisava de tantas palavras. Eu é que precisei de muitos anos, e longos parágrafos, para aprender e, acima de tudo, para tentar nunca mais esquecer.

Quem tiver lido até aqui, talvez pare e diga: "pronto, aí está, um belo exemplo de meritocracia (<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/09/1921236-desigualdade-no-brasil-e-escolha-politica-diz-economista.shtml>)". Mas, convenhamos: no caso, é a mesma coisa que pôr 2.000 pessoas num navio furado, rebocar para o alto mar, afastar-se, observar de binóculos o demorado naufrágio, com seus episódios chocantes, e depois parabenizar os dez ou 12 sobreviventes por seus extraordinários méritos pessoais.

O segundo colégio onde trabalhei ficava a 6 km da minha casa, e eu ia de bicicleta. A lanterninha piscava ritmada no guidão, enquanto desviava dos buracos. Era um prédio de um andar só, construído no início do século 20 para os filhos dos operários de uma fábrica de tecido que havia, na época, perto dali.

Tinha um pequeno pátio quadrado, em torno do qual se distribuía as poucas salas (<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/05/1767919-ocupacoes-avancam-em-sp-e-ja-atingem-11-escolas-tecnicas.shtml>). Uma varanda, abrigada por telhas e debruçada sobre o pátio, fazia as vezes de corredor. Os alunos vinham de um morro situado a pelo menos três quilômetros dali. Quase todos nordestinos. O colégio oferecia aos adultos e jovens a chance de completar estudos abandonados e, assim, eu dava aulas para a quinta, a sexta, a sétima séries do nível fundamental.

Fazia muitos anos que já havia compreendido que os planejamentos de aula, os programas, os currículos etc. eram, no meu caso, fantasias de

pedagogos cosmonautas (<https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2019/05/pedagogia-da-destruicao.shtml>).

No meu mundo, nas minhas noites, que eram as noites daqueles alunos, as principais técnicas pedagógicas tinham de incluir, a qualquer preço, alguns itens bem estranhos.

Por exemplo, fazer elogios aos alunos era uma questão de vida ou morte. E o principal era que os elogios fossem sinceros. O melhor de tudo, porém, foi que eu logo descobri que aquela parte era fácil, pois, na verdade, não havia palavras que fizessem jus aos elogios que os alunos de fato mereciam

(<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/04/por-que-o-brasil-de-olavo-e-bolsonaro-ve-em-paulo-freire-um-inimigo.shtml>).

Outra coisa: na primeira aula, eu ia logo dizendo que não se preocupassem com notas nem com provas, que aquilo era um problema meu. Em seguida, dizia o que era o mais importante em nossas aulas. Mas isso ficava entre nós e mais ninguém, e por isso não vou contar aqui. E outra coisa: repetir, repisar mil vezes, que ninguém no mundo é burro, que eles, sobretudo eles, não eram burros, e que se alguém dissesse tamanha bobagem sobre eles, nem mesmo essa pessoa era um burro.

Então apareceu um aluno de uns 35 anos, na sexta série do fundamental, com grande dificuldade de leitura (<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/06/quatro-anos-depois-brasil-ainda-nao-bateu-meta-de-alfabetizacao.shtml>). Baixava a cabeça, cravava a ponta do dedo na linha, soletrava, pulava sílabas, voltava atrás, tentava adivinhar, tropeçava e se perdia. Erguia a cabeça, suspirava devagar e dizia, entre pausas amargas: “Professor, como eu posso ser tão burro? Eu sou pior que um menino de quatro anos que nunca foi para a escola”.

Ele também ia ao colégio de bicicleta. Descia o morro e depois voltava, pedalando de curva em curva, pela enorme subida até sua casa, às 22h30. Às vezes, se segurava na beirada de um ônibus para ser puxado, mais por diversão do que para descansar as pernas. Era ágil, leve, forte demais, só

músculos.



O professor e escritor Rubens Figueiredo recebe o Prêmio São Paulo de Literatura por seu romance "Passageiro do Fim do Dia" (Companhia das Letras), em 2011 - Folhapress

Trabalhava de caseiro numa enorme mansão de pedra, na beira de uma reserva florestal, a dois quilômetros do colégio. Lá, ele fazia tudo. Máquinas, veículos, motores e bombas de água que quebrassem, ele consertava. Paredes e muros antigos que tombassem, ele punha de pé outra vez. Havia uma piscina de pedra, uma espécie de troféu da mansão. Um dia, o dono se aborreceu com a conta de água e, para resolver aquele transtorno desagradável, mandou o caseiro encontrar uma nascente na floresta para abastecer a piscina.

O caseiro era do interior do Rio Grande do Norte, capaz de localizar água

pelo cheiro. De manhã cedo, entrou no mato nos fundos do casarão e foi abrindo caminho. Só subida e barrancos, na mata fechada. Havia água, mas era preciso achar um local apropriado para a coleta. Seguindo seu faro e alguns indícios no solo, chegou a uma gruta: lá estava uma bela nascente.

Subiu um pouco mais na montanha para conferir, pesquisou em redor, retornou à gruta e preparou o lugar para captar a água. Desceu já no fim da tarde. No caminho, uma cobra o perseguiu. A cabeça empinada a dois palmos do chão, ela disparou no seu encalço, resvalando nas folhas caídas, enquanto sibilava com força entre a língua bifurcada e o rasgo fino da boca.

Nos dias seguintes, sozinho, ele transportou e montou toda a tubulação, desde a caverna até piscina. Registros, calços, desvios, suspiros, válvulas, todo um sistema complexo e eficiente ficou pronto, para que o dono da mansão não pagasse a conta de água. Pela lei, um crime. Ele nem imaginava. Mas, se alguém fosse condenado, quem duvida que seria o caseiro?

Enquanto isso, na sala de aula, ele baixava a cabeça para o livro e empacava nas sílabas. Sua turma era pequena. Oito alunos além dele, um rapaz e sete mulheres de uns 40 anos, que tinham parado de estudar por causa dos filhos e das dificuldades mais traiçoeiras. Todas liam melhor do que ele (<https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/09/jovens-leem-mais-no-brasil-mas-habito-de-leitura-diminui-com-a-idade.shtml>). Quando chegava sua vez de ler, as mulheres esperavam com toda paciência, imóveis e no mais profundo silêncio, com receio de que qualquer ruído ou movimento pudessem atrapalhar.

Noite após noite, ele trombava com as letras, claudicava nas sílabas, porém, no rosto humilhado, havia uma centelha de tenacidade, secretamente atiçada pelo silêncio das colegas. Foram surgindo ínfimas melhoras e, certa noite, ele começou a acelerar a leitura, não tentou adivinhar as palavras e, então, foi em frente, foi lendo.

As mulheres sorriam num silêncio cada vez mais carregado, olhavam de relance para mim, balançavam a cabeça muito discretamente, numa comemoração muda. Ao chegar ao fim do trecho previsto para ler, ele parou, levantou a cabeça bonita, falou: “Olha, eu estou lendo”.

<https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/09/como-ensinar-o-brasileiro-a-ler-escritores-respondem.shtml>

Em seguida, inesperadamente, continuou a ler, linha por linha, até o fim do texto, como se estivesse com sede. O sorriso das mulheres, agora, tremia na pele de seus rostos, à beira de romper em outro tipo de emoção. E então, não foi só nos meus olhos que as lágrimas comicharam.

Dois anos depois, a diretora, curtida em décadas de agruras no ensino público, me confidenciou que, no fim do ano, o colégio ia fechar

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/10/1698558-reformulacao-da-rede-paulista-vai-envolver-entrega-de-94-escolas.shtml>.

Outros colégios semelhantes ao nosso já haviam tido o mesmo destino. Como eu havia cumprido as exigências do protocolo, recomendou que eu pedisse aposentadoria. Ela, como tantos outros, já previa tempos mais do que difíceis para a nossa profissão.

Há poucos meses, por acaso, passei de ônibus naquela rua, à noite, e vi o prédio encolhido no fundo de uma sombra

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/09/1685232-sp-vai-transferir-mais-de-1-milhao-de-alunos-para-dividir-escolas-por-series.shtml>.

As janelas escuras e a porta trancada, diante da calçada vazia. E pensei: onde andarão os meus alunos? Mas também, sem querer, pensei: o que será daqueles que agora nem podem ser alunos?

Rubens Figueiredo, professor aposentado da rede estadual do Rio, publicou o romance “Passageiro do Fim do Dia” (Companhia das Letras), vencedor do prêmio São Paulo de Literatura, e traduziu os clássicos russos “Guerra e Paz” e “Anna Kariênina”, ambos de Tolstói, e “Crime e Castigo”, de Dostoiévski.

Ilustração de **David Magila**

sua assinatura pode valer ainda mais

Você já conhece as vantagens de ser assinante da Folha? Além de ter acesso a reportagens e colunas, você conta com newsletters exclusivas ([conheça aqui \(https://login.folha.com.br/newsletter\)](https://login.folha.com.br/newsletter)). Também pode baixar nosso aplicativo gratuito na [Apple Store \(https://apps.apple.com/br/app/folha-de-s-paulo/id943058711\)](https://apps.apple.com/br/app/folha-de-s-paulo/id943058711) ou na [Google Play \(https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.folha.app&hl=pt_BR\)](https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.folha.app&hl=pt_BR) para receber alertas das principais notícias do dia. A sua assinatura nos ajuda a fazer um jornalismo independente e de qualidade. Obrigado!

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/10/tradutor-de-tolstoi-conta-alegrias-e-dramas-de-um-professor-da-rede-publica.shtml>